

Cacos de garrafas - I

VILÉM FLUSSER

Dizem que a nossa é uma sociedade de consumo. Será verdade? Não será ela, pelo contrário, sociedade inepta para o consumo? Consumir significa gastar as formas das coisas, "desinformar" portanto. E produzir significa impor formas sobre as coisas. As coisas são "dadas" e o conjunto dos dados é a natureza. Produzir é pois informar coisas naturais e transformá-las em cultura. E consumir é desinformar as coisas culturais e devolvê-las à natureza. Este o metabolismo da cultura: devora natureza produzindo e secreta natureza consumindo.

Mas e os cacos de vidro? O fato é este: Coisas naturais, (por exemplo cascalho), receberam formas e passaram a ser coisas culturais, (por exemplo garrafas). Em seguida, as garrafas foram sendo utilizadas e acabaram quebradas e jogadas fora. Agora são cacos. Mas não voltaram a ser natureza. Porque não perderam de tudo a sua forma. É que não foram inteiramente consumidos. São formas vazias, ultrapassadas, sem valor, mas obviamente não são natureza. São lixo. Quicô um dia daqui há muito tempo, serão inteiramente desintegradas pela ação da natureza. Mas nós não estaremos mais por aí para presenciar isto. De maneira que o metabolismo da cultura é este: devora natureza produzindo e secreta lixo consumindo imperfeitamente.

Somos determinados pela natureza. Por exemplo: o cascalho pode machucarnos. Somos determinados pela cultura. Por exemplo: se queremos beber refrigerante, precisamos de garrafas. E somos determinados pelo lixo. Por exemplo: cacos de garrafas podem ferir-nos. Já que a nossa não é sociedade de consumo, mas de produção crescente e de ineptidão para o consumo, acontece isto: a natureza nos determina sempre menos, porque a produção a esvazia. A cultura nos determina sempre mais, porque acumulamos sempre mais produtos. E o lixo passa a determinar-nos decisivamente, porque passa a amontoar-se em toda parte. Em outras: cascalho interessa sempre menos, e sempre se tornam mais interessantes garrafas e cacos de garrafas.

As ciências, da natureza procuram libertar-nos da determinação natural, ao descobrir como ela funciona. Por exemplo: a aerodinâmica faz com que possamos voar, embora a natureza parece querer impedir isto. As ciências da cultura procuram fazer o mesmo quando a determinação imposta pela cultura. Por exemplo: a economia procura libertar-nos da flutuação de preços. Pois urge desenvolver ciências de lixo. Que nos libertem de cacos de garrafas. Sob pena de sermos sempre mais determinados pela nossa inabilidade para o consumo.

Cacos de garrafas. III

VILÉM FLUSSER

É importante saber o que os cacos não são: não são nem natureza nem cultura. Isto é importante para podermos compreender aquilo que está acontecendo em nosso torno. Cacos não são natureza, embora possam estar localizados na natureza. Não o são, porque são marcados pela ação informadora do homem. E não são cultura, embora possam ser considerados fenômenos históricos, portanto humanos: Não o são, porque não tem valor e foram recusados pelo homem. Como algas vermelhas não são natureza, embora plantas, mas lixo. (São consequência da ação humana). E como o chauvinismo não é cultura, embora fenômeno da história, mas lixo. (É forma vazia e superada).

Considerem alguns aspectos do movimento hippie, especialmente aqueles que contestam a cultura. Os pés sujos e cabelos compridos não são natureza, mas lixo. São consequência da ação humana. Há ações negativas, que não são menos ações por serem negativas. Não lavar os pés é ação, porque consequência de opção deliberada. Tais hippies nada têm de romântico, (volta à natureza), mas são opção deliberada em prol do lixo.

As tentativas dos hippies de fazer tudo com as próprias mãos ("do it yourself"), não são nem cultura nem anticultura, mas lixo. É que são tentativas superadas há muito pela história da humanidade. São formas esvaziadas pela revolução industrial, eliminadas do repertório da cultura. Tais hippies nada têm de pioneirismo, e nenhuma ação pode ser considerada revolucionária se recorre a formas superadas e esvaziadas. São engajamento deliberado no lixo.

O lixo não pode ser neutralizado pela decisão deliberada de adorá-lo. Os adoradores dos cacos de garrafa não podem representar o futuro. Para neutralizá-lo é preciso compreender o lixo e desmascará-lo. É preciso que saibamos quais das formas que nos cercam perderam o valor, se tornaram vazias, e continuam presentes apenas por não terem sido bem consumidas. Tarefa difícil e às vezes perigosa. Porque os cacos de garrafa podem ferir-nos. Neste sentido continuam funcionando.

A dignidade humana se manifesta em dois movimentos. Pelo primeiro o homem digno assume a responsabilidade pelo seu passado, e assume-se enquanto agente de tal passado. Pelo segundo movimento ele procura alterar-se, alterando o mundo. Assume-se pois, a fim de tornar-se outro. É preciso que assumamos os cacos de garrafa. Somos responsáveis por eles, e somos eles. Mas depois é preciso alterar o lixo em outra coisa, para que haja futuro.

Cacos de garrafas-II

VILÉM FLUSSER

Cultura é o conjunto das coisas informadas por homens. Por exemplo: garrafas. As coisas para serem informadas são tiradas da natureza (produzidas). Por exemplo: cascalho. A cultura avança contra a natureza: a natureza lhe é futuro. Algumas das coisas assim informadas são guardadas, poupadas. Perfazem o repertório da cultura. Outras são gastas e jogadas fora sem terem sido inteiramente consumidas. Por exemplo: cacos de garrafas. O conjunto de tais coisas é o lixo. A cultura deixa um rastro de lixo no seu avanço natureza a dentro. O lixo é o passado da cultura.

A idade de uma determinada cultura pode ser medida pela relação "natureza-lixo". Quanto mais velha uma dada cultura, tanto menos natureza tem, e tanto mais lixo. Menos futuro e mais passado. A nossa é velha cultura. A natureza está desaparecendo, o lixo está se tornando onipresente. Estamos nos aproximando, especialmente nas sociedades desenvolvidas, da plenitude dos tempos. Toda natureza será transformada em lixo. Não haverá mais cascalho, apenas cacos de garrafas. E em tal oceano de cacos, ilhas de garrafas cheias e vazias.

Em tal situação o problema do lixo passa a ser mais empolgante que o problema da natureza. O cascalho não interessará tanto (e nem Marte nem o aparelho digestivo das formigas), e o interesse se concentrará sobre cacos de garrafas (e outras formas mal consumidas, como instituições e ideologias superadas). As ciências do lixo ocuparão o centro da cena. Ciências que pesquisam o lixo material (por exemplo a arqueologia e a ecologia). E ciências que pesquisam o lixo mental (por exemplo: psicanálise e mitologia). Tais ciências procurarão compreender o lixo, desenterrá-lo, a fim de que ele deixe de condicionar-nos e passe a obedecer à nossa vontade livre.

Um exemplo: no Renascimento foi desenterrado o lixo grego pela arqueologia (o Apolo do Belvedere), e passou a formar a base de um novo estar no mundo do homem moderno. Assim está desenterrando a psicanálise o lixo imemorial no fundo da nossa mente, a fim de evitar que nos inunde (como a fez no caso do nazismo), e passe a servir-nos. É preciso não ter nojo vitoriano do lixo, para evitar que ele surja à tona como Hitler. É preciso assumir o lixo, para realmente superá-lo. O inconsciente tornado consciente deixa de ser perigoso. Cacos de garrafas podem passar, quando aceites e assumidos, a ser "objetos trouvés" ou até base de toda uma nova cultura por ora inimaginável.